

AMAZÔNIA: TRAÇADO HISTÓRICO DAS INFLUÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO

AMAZON: HISTORICAL OUTLINE OF THE INFLUENCES OF COLONIZATION

**Sandra Rejane Viana de Almeida
Artemis de Araujo Soares**

RESUMO:

Este artigo tem a finalidade de descrever a trajetória da formação dos povos que habitam a Amazônia, narrando fatos que contribuíram para este processo, iniciado no período colonial com os povos indígenas, e em sequência o europeu, aproximando a inserção dos nordestinos pelo processo de exploração da borracha e o negro escravizado até chegar ao que se considera hoje como o *homem amazônico*, o qual está inserido no contexto da Amazônia Profunda. Busca na pesquisa bibliográfica a fundamentação para suas narrativas e argumentações as quais trazem um olhar em comum dos autores que é a importância do território amazônico para o Brasil e demais nações. O resultado da pesquisa fornece reflexões importantes acerca do que foi a dominação dos colonizadores sobre os povos da Amazônia, e isto em tempos remotos até aos que se referem a atualidade.

Palavras-chave: Ocupação Amazônica; Povos Tradicionais; Multicultura

ABSTRACT:

This article has the purpose of describing the trajectory of the formation of the peoples that inhabit the Amazon, narrating facts that contributed to this process, initiated in the colonial period with the indigenous peoples, and in sequence the European one, approaching the insertion of the Northeast through the process. from the exploitation of rubber and the enslaved black people to what is considered today as the Amazonian man, which is inserted in the context of the Deep Amazon. Search in bibliographic research the foundation for their narratives and arguments which bring a common view of the authors that is the importance of the Amazon territory to Brazil and other nations. The result of the research provides important reflections on what was the domination of the colonizers over the peoples of the Amazon, and this in ancient times even those that refer to today.

Keywords: Amazonian Occupation; traditional peoples; multicultural

1. INTRODUÇÃO

Uma breve descrição dos processos de dominação dos povos indígenas e as inserções que ocorreram nos períodos relacionados aos séculos XVII até início do século XX.

Está fundamentado em uma pesquisa bibliográfica, e busca base nos registros dos viajantes, em escritores amazonenses tais como: Moacir Andrade, Iraildes Caldas Torres e Marilene Corrêa da Silva, e em autores contemporâneos como Ana Pizarro e Francisco Foot Hardman, que trazem uma descrição das nuances que emergem da história, na intenção de desvelar relações de poder que construíram o tecido social e que influenciaram a formação do homem amazônico em seus aspectos sociais, econômicos e culturais.

Neste sentido tenciona-se traçar uma reflexão de como este homem atua socialmente e culturalmente, e como vislumbra estes aspectos, despertando o seu olhar sobre o outro e sobre si.

2. DA PROA DO BARCO

Ao navegar pelos rios, lagos, igapós e igarapés desta região gigantesca, e nestas viagens tem-se a oportunidade em vislumbrar as paisagens da natureza exuberante, a qual o seu expectador não se cansa de contemplar.

Os cenários que fazem parte de relatos míticos, também são imagens que descrevem as vivências e relações sociais dos povos originários nos diferentes contextos: comunidades às margens de rios, povos indígenas em suas festividades, grupos em atividades de caça e pesca, e aqueles que buscam a sobrevivência através da economia de subsistência em seus roçados, ou nas demais atividades extrativistas da floresta.

Pode-se afirmar que o transeunte que percorre o caminho das águas não se depara somente com o belo, peculiar da floresta, mas em suas andanças vê as lutas diárias travadas pelos povos da floresta para manterem-se firmes diante das adversidades da vida.

Um dos olhares que se revela é pincelado pela presença da grande variedade cultural e étnica dos povos que habitam a região, e apesar desta diversidade, o expectador não se sente diferente dos demais em sua humanidade pois de forma generalizada está inserido neste contexto.

Entretanto existem razões para afirmar que a sua condição de viajante e expectador não o deixa em posição mais elevada, mas podemos concluir que ele é pertencente à realidade social existente na região, e que em momento oportuno, na

sua condição humana, estará inserida nestas peculiaridades. Desta forma ele pode ter consciência desta identidade, perceber a si próprio como parte deste cenário.

2.1 O homem amazônida

O traçado cultural presente nas sociedades do interior do estado do Amazonas configura um retrato do processo que ocorreu em toda a região amazônica, não apenas por uma designação étnica, mas consideravelmente ao que diz respeito aos hábitos, costumes e religião exercidos por estas populações, que particularmente nos trazem à tona as heranças culturais deixadas por povos indígenas, europeus, nordestinos e negros.

A compreensão deste fenômeno não está restrita ao entendimento puramente relacionado à sua historiografia, entretanto, necessita avançar na compreensão que resultaram das lutas pelo poder e entender de que forma esse poder se estabeleceu na formação do tecido social descrito, bem como a dominação existente neste processo.

Este esclarecimento nos fará entender o porquê de o homem amazônico revelar-se contido em seu mundo, e em certas circunstâncias da vida de forma subserviente, ou na melhor das hipóteses, arrolados em lutas por direitos que são fundamentais à vida como a educação de qualidade, direito à moradia, saúde dentre outros mais.

Em contrapartida temos o olhar do colonizador, para a Amazônia e para os povos que nela habitam, e ainda permanece com as mesmas características de intenção de dominação e exploração, tal como eram nos primórdios da sua colonização, seja pelo interesse do próprio país que intenciona alargar suas ações econômicas exploratórias ou de países estrangeiros, cujos objetivos visam favorecer o Capitalismo, em suas variadas formas como na exploração de minérios, madeiras, recursos hídricos, e recursos diversos, sem se importar com o diálogo que se faz necessário com estes povos e em ouvir o que dizem suas opiniões.

Dentro deste enredo encontra-se a visão estereotipada que havia acerca da Amazônia e sobre seus povos, da qual devemos considerar estes como personagens fundamentais que a caracterizam e dão as principais notas da canção à temática *Amazônia*, entretanto sem agradar aos ouvidos de quem se torna maleável apenas a canção que emana dos acordes impetuosos regidos pelo capitalismo.

Temos uma definição singular em Boaventura Sousa Santos (2002, p. 137) que nos diz que “é impossível haver um diálogo multicultural se algumas culturas têm sua opinião e conceitos suprimidos ou silenciados”. Esta declaração nos remete a refletir sobre os processos sociais arrolados ainda nos primórdios da colonização da Amazônia cujos detalhes nos são descritos ainda na presente data e nos conduzem a observar o que este elo ainda alicerçam as estruturas sociais destas realidades.

Ana Pizarro (2012, p.105) nos traz uma observação sobre como a Amazônia é vista aos olhos do mundo, pois afirma que “esta é conhecida pelas concepções externas a ela, não pelo realmente é sua miscigenação cultural e a profunda relação de seu povo com o meio ambiente, suas vivências”.

A concepção deturpada que foi divulgada pelos primeiros exploradores, de que o “homem amazônico seria um ser irracional” e sobre a região ser um suposto “*inferno*”, acarretou em uma descrição de uma pseudo-Amazônia que foi notada por Euclides da Cunha (1997, p. 226) que saiu em defesa desta ao afirmar: “Procurarei vingar a Hyloe maravilhosa de todas as brutalidades das gentes adoidadas que a maculam desde o século XVII.”.

Esta é a opinião de alguém que presenciou e percebeu a necessidade de tornar público os fatos acerca da subserviência e exploração dos povos que a habitavam.

2.2 Da Amizade Necessária à Ocupação Desejada

Ao tecermos uma reflexão sobre os processos de inserção na Amazônia devemos ressaltar as particularidades que permeiam o seu contexto, pois não é novo o fato de haver interesse dos povos europeus em explorar e conquistar estes territórios.

A Amazônia brasileira e a estrangeira sempre estiveram presentes nos interesses dos conquistadores ibéricos e demais povos europeus, pois as notícias que os viajantes dos séculos XVI e XVII narravam aos seus monarcas, descreviam uma região misteriosa, cercada de mitos, os quais relatavam lugares com muitas riquezas, e dentre elas, “cidades revestidas de ouro, na qual os caciques após banharem-se nas águas dos rios, mergulhavam e emergiam de fontes de ouro em pó”. (PIZARRO, 2012, p. 80).

Diante de tais descrições, os recém-chegados foram motivados ainda mais pela possibilidade da geração de riqueza, que poderiam ser advindas não apenas da possibilidade da existência do minério, mas também na evidência das “drogas do sertão”.

Neste sentido era revelada a necessidade dos reinos português e espanhol em demonstrar sua força bélica e política, e exibiram suas ações de forma nítida e planejada, em atitudes que também manifestavam a maneira como estas duas nações mediam forças entre si e entre os demais povos europeus como cita Marilene Corrêa da Silva (1996, p. 11):

Quando se desenvolve a crise dos países ibéricos, a defesa e o asseguramento dos espaços conquistados são vitais para a permanência de Portugal e Espanha na cena política da Europa, e para influenciar nas tendências econômicas da época. Assim, tanto no

aparente desinteresse espanhol pelas terras amazônicas, como na persistência portuguesa de defesa e ocupação [...].

O interesse em conquistar os territórios na região Amazônica não se limitava às monarquias que as pleiteavam explicitamente, porém estavam relacionadas a projetos particulares e pessoais, uma vez que havia dádivas aos líderes que nelas estavam envolvidos. As mesmas são citadas por Marilene Corrêa da Silva (1996, p. 14) que nomeia estas ações como *Anarquia do Loteamento* e denota uma forma de demonstração de poder por parte de uma determinada coroa que indiscriminadamente distribuía as terras amazônicas aos seus conquistadores.

Dentre os povos europeus, além de portugueses e espanhóis, que adentraram o território amazônico, podemos citar também os franceses, holandeses e ingleses, que trouxeram suas contribuições étnicas e culturais para a formação dos povos desta região.

Através das descrições históricas é fácil notar o interesse do homem europeu e demais exploradores da época sobre a Amazônia, pois através de seus registros históricos sempre demonstraram e exemplificaram suas conquistas e embates entre si, e contra os indígenas, pois suas relações com estes nem sempre foram amigáveis, entretanto Pizarro (2012, p.149) enfatiza que “*a voz do conquistador sempre se fez ouvir*”, e isto é percebido em seus escritos, em suas obras de arte e na definição de sua posição social, porém a “*voz do homem indígena*” da região, na época, que sofreu as barbáries e a escravidão e outros tipos de hostilidade, nunca será ouvida, porque foram silenciadas, suprimidas ou apagadas e jamais saberemos quais foram suas percepções acerca da usurpação de seu território, sua história e sua cultura, pois jazem no silêncio.

Podemos destacar dois exemplos na disputa de territórios na região amazônica que são narrados pela historiografia e estão relacionados ao processo de escravidão de indígenas que a habitavam, e os resultados destas relações vieram a influenciar diretamente sobre a formação das sociedades amazônicas, pois a partir destes episódios abriram-se portas para o início de novas relações entre indígenas e europeus.

O primeiro é o que se refere à cidade de Manaus, que vislumbrou um dos principais focos de conflitos gerados por lutas, pela ocupação e domínio deste lugar.

Os registros históricos nos levam às áreas do local denominado Tarumã²⁹ e nos conduzem aos meados do século XVII, relatam que antes do início da colonização ele era habitado por indígenas pertencentes ao tronco linguístico Aruaque, e ficou marcado pela presença dos padres jesuítas³⁰ e mercedários,³¹

²⁹ Hoje é um bairro manauara localizado em área suburbana.

³⁰ Ordem religiosa de origem francesa que chegou ao Brasil em 1549 com a expedição de Tomé de Souza, cuja finalidade principal era a catequização dos povos indígenas.

³¹ Pertencentes a Ordem de Nossa Senhora das Mercês, de origem espanhola, da cidade de Barcelona, fundada em 1218 e tal como as demais ordens eclesíásticas vinham na missão de doutrinar e “domesticar” indígenas.

como o Frei Teodósio, que liderou a denominada Missão Tarumã, sendo este local o primeiro núcleo a ser povoado em Manaus.

Nesta missão estava presente Pedro da Costa Favela, o famigerado matador de indígenas, conforme relata Mário Ypiranga Monteiro (1998, p.25).

No decorrer deste processo de colonização, o local também foi utilizado para a exploração das *drogas do sertão*, cujo trabalho era designado aos nativos que conheciam os procedimentos da sua extração: “feitas por índios escravizados, já afeitos a esse tipo de trabalho” (Andrade. 1985, p. 16), e este período de escravidão indígena ocorreu durante a segunda expedição nesta área. Este local posteriormente foi denominado de Arraial do Tarumã.

O exemplo acima descreve a relação estabelecida entre os colonizadores e os indígenas que pela exploração da força de trabalho destes, realizavam suas conquistas e expandiam o seu poderio.

O segundo relato que se propõe aconteceu no mesmo período histórico o qual trata do fato ocorrido no rio Urubu³², durante a Missão de Saracá, local onde hoje é o município de Silves³³, cuja descrição histórica relata o combate travado por portugueses contra as etnias indígenas: Guanavenas, Caboquenas e Buruburus, também denominada pelos moradores locais como Bararurus, no qual estes se engajaram em uma vã tentativa em defender seu território que estava a um passo de ser usurpado.

Conforme os relatos de Donato (1996, p. 117):

A penetração do poder lusitano no vale amazônico, empregando métodos escravagistas disfarçados nas “expedições de resgate”, sugeriu aos indígenas coligações defensivas de que foi exemplo aquela integrada por caboquenas, buruburus e guanavenas (sic).

Ao final desta batalha houve a supremacia portuguesa que dizimou aproximadamente quinhentos indígenas dessas etnias, e aos sobreviventes os fizeram cativos, sendo levado como prisioneiros de guerra ao território que hoje pertencem ao estado do Pará.

As descrições acima revelam a estratégia utilizada pelos colonizadores portugueses que consistia em traçar relações de amizade com indígenas na finalidade de pacificá-los, e posteriormente dominá-los, tomar posse de seu território, revelando a supremacia do seu domínio, tal como descrita em Torres (2008, p.180):

³² Um dos afluentes do rio Amazonas na margem esquerda, cuja nascente fica localizada no município amazonense de Presidente Figueiredo.

³³ Município amazonense localizado no Médio Amazonas, distante de Manaus a 206 Km em linha reta.

A colonização é uma das formas de encontro entre as culturas resulta de um propósito consciente de conquistar o poder e realizar a exploração econômica, articulados por processos sociais, signos e valores forjados, sem os quais o sistema não se manteria. Quer dizer, o sistema de ideias que sustenta a colonização só sobrevive por intermédio da representação simbólica que subjaz a ele.

Os ditames políticos estabeleceram os critérios para a dominação estabelecida pelo colonizador, uma das principais justificativas para a “domesticação de indígenas” remetia às questões religiosas, pois desconheciam os princípios cristãos, portanto destituídos da salvação, o que justificaria a necessidade de catequizá-los.

Suas explicações eram fundadas em visões distorcidas acerca da realidade cultural e religiosa do indígena, e esta catequização viria no intuito de justificar o proselitismo religioso.

Tais fatos nos fazem perceber que os interesses políticos e econômicos sempre estiveram presentes e se revelavam através das ações das missões religiosas, dentre eles os processos educacionais de colonos e indígenas, casamentos entre indígenas e colonos, ou ainda através de supostas “amizades” com os nativos, pois a partir destas se tornariam possíveis a exploração e dominação do local.

3. O SERINGUEIRO E O NEGRO

A composição do quebra cabeça étnico-cultural que delinea a formação do povo amazônica é complexa, mas coerente a partir do momento em que se acende a luz da compreensão do processo histórico e social que a desenvolveu.

A exploração da borracha no século XIX foi um processo conflituoso no que tange a questão das lutas sociais, pois foram marcadas pelo enriquecimento dos donos dos seringais, embelezamento e desenvolvimento das capitais envolvidas em sua produção e a servidão de homens que estavam na vanguarda da lida diária e que desenvolviam o processo de extração da borracha.

Estes homens foram marcados pelo isolamento, um “trabalhador sentenciado a viver na solidão do caucho” (Hardman, 2009, p. 26), vulnerável às doenças endêmicas, e outras agruras que permeavam o contexto da vida nos seringais, tal como foi descrito por Euclides da Cunha (In: Hardman, 2009, p. 27) “o caucheiro: homúnculo da civilização”.

Há nas palavras de Cunha, acerca da figura do seringueiro, um alguém plenamente ativo e que pertence ao processo de enriquecimento dos seringalistas, e que devido à presença do Capitalismo, não pode vislumbrar o fulgor que resultava da sua força de trabalho.

Em meados do século XX os embates mundiais arrolaram os brasileiros de formas variadas, e uma delas foi no decorrer do denominado Segundo Ciclo da Borracha que visava fomentar o poder bélico dos Aliados durante a Segunda Guerra Mundial.

O passado descrito, cita o brasileiro nordestino como figura que compõe a formação do homem amazônico, que como retirante chegou à região amazônica para lidar com a seringueira (*hevea brasiliensis*) e a produção da borracha.

O seringueiro que outrora se configurava no indígena e no caboclo, agora é identificado no homem nordestino que experimenta os aviltamentos delineados pelo sistema de semiescravidão existente nos seringais, no qual os problemas são agravados pela grande dificuldade da extração da borracha. Pizarro (2012, p.114) faz uma descrição: “A obtenção da resina é trabalhosa, especialmente devido ao lugar onde é encontrada, em geral um lugar emaranhado e repleto de perigos na selva”.

Uma inquietante pergunta surge em nossas reflexões: Quem mais se prontificaria a um trabalho árduo, abominável e longe de suas terras? Senão alguém que já estivesse desesperançado em seu viver, devido à seca fulminante que sobrevinha na época aos moradores do semiárido brasileiro (1942).

As narrativas de Euclides da Cunha nos remetem a analisar as formas de exploração econômica e especificamente a que se refere à forma de pagamento feita aos seringueiros pelos seus trabalhos realizados nos seringais, a saber, o sistema de aviamento, neste o dono do seringal que detinha o poder econômico e mantinha o controle da permanência do círculo vicioso sobre a dívida do trabalhador, que ao final de sua produção, nunca lhe sobrava uma parte do soldo ou a quitação definitiva da dívida, mas sempre a permanência do débito ao seu patrão.

Hoje a herança cultural deixada pelo povo nordestino é percebida entre os amazônidas, deixando claro que os *soldados da borracha* permaneceram e integraram-se culturalmente o que percebido através de suas brincadeiras de bois-bumbás, danças de quadrilhas, a culinária, dentre outras características peculiares, que se fundiram e se tornaram prenes no contexto amazônico.

No que se refere à presença do negro no contexto amazônico pouco é falada, vista ou observada, entretanto convém destacar que sua participação é um fato, visto que o Estado do Amazonas tem em sua base histórica, os relatos que nos permitem observar a presença de políticas escravagistas e abolicionistas no século XIX, tal como é descrito em Sampaio (2011, p.57): “Essa percepção de um espaço de cultura marcadamente indígena, fez com que a escravidão e a cultura africanas se deslocassem a um plano menor, constituindo um vazio na historiografia regional”.

Esta observação denota a importância da busca pelo conhecimento acerca das influências dos povos negros para a formação do homem que habita a região amazônica, pois fazem parte deste legado da história, e o reconhecimento de suas influências culturais nestas sociedades se torna substancial.

O tempo passou, os povos amazônicos foram se constituindo e se estabelecendo com nuances variadas marcadas pela presença de suas crenças, mitos, saberes, religiões e sua cultura em geral, definindo o desenvolvimento de um processo necessário para que a sua formação se consolidasse e fazendo de suas particularidades uma matriz cultural diferenciada, apesar de não ser valorizada pelos olhares dos que a veem de fora, entretanto, percebemos que o aspecto cultural se torna fundamental para constituir a formação deste povo.

E, retomando a metáfora do viajante narrada inicialmente, observa-se que o que ele viu e o que ainda hoje vê da proa de seu barco, não foi feito ou gerado ao acaso, mas tudo é o resultado de um longo processo histórico, que foi pincelado por diversas mãos, às vezes não tão amigas como se apresentavam, outras fortuitas, mas que trouxeram contornos imprescindíveis à imagem que se configurou ao longo dos séculos.

O homem da Amazônia profunda que hoje luta por sua sobrevivência, traz as mesmas marcas de seus antepassados, o indígena que hoje luta pela demarcação de seu território e impõe resistência em neles permanecerem, demonstram através destes gestos a força para lutar contra os mesmos processos ocorridos no passado que persistem em permanecer no presente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desta forma podem-se encontrar fundamentos para uma reflexão apropriada sobre o contexto social que se estabeleceu na Amazônia nos primeiros séculos que a História nos oportunizou em suas narrativas estabelecidas através dos contornos étnicos e culturais delineados pela presença do multiculturalismo, que teve um papel importante para compor o quadro que contemplamos nas diversas matrizes: indígenas, nordestino, europeia e africana, que vieram a fundir-se para compor o homem amazônida, presente nos mais diversos lugares desta vasta região.

6. REFERÊNCIAS

ANDRADE, Moacir. **Manaus, ruas, fachadas e varandas**. Manaus: Humberto Calderaro. 1985.

DONATO, Hernâni. **Dicionário das batalhas brasileiras**: dos conflitos com indígenas aos choques das reformas agrárias. 2.ed. São Paulo: IBRASA.1996.

HARDMAN, Francisco Foot. **A vingança da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: UNESP, 2009.

MONTEIRO, Mário Ypiranga. **Roteiro histórico de Manaus**. Manaus: EDUA. 1998.

PIZARRO, Ana. **As vozes do rio**: imaginário e modernização. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2012.

SAMPAIO, Patrícia M. (org.). **O fim do silêncio** – presença negra na Amazônia. Belém: Açáí, 2011.

SANTOS. Boaventura Sousa. **A crítica da razão indolente**: contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, Marilene Corrêa. **O paiz do Amazonas**. Manaus: EDUA, 1996.

TORRES, Iraildes Caldas. A formação social da Amazônia sob a perspectiva de gênero. In: **Ciências e saberes na Amazônia**: indivíduos, coletividade, gênero e etnias. Recife: Ed. Universitária UFPE, 2008.